

Lídia Baumgarten Braun\*

**TECENDO DESTINOS: A INSERÇÃO DE IMIGRANTES ALEMÃES E SEUS  
DESCENDENTES NA COLÔNIA RIOGRANDENSE – MARACAÍ/SP - (1950-  
1990)**

**Resumo:** O presente artigo é resultado parcial da pesquisa desenvolvida no Doutorado. Este estudo procurou apreender as redes de sociabilidades que os diferentes sujeitos, imigrantes alemães e seus descendentes, moradores da Colônia Riograndense - (Maracaí/SP), foram tecendo no interior da comunidade. Analisando alguns aspectos que cercaram o cotidiano das pessoas, nos seus espaços de lazer e de trabalho, foi possível apreender como a comunidade alemã incorporou práticas culturais, ao mesmo tempo, que contribuiu na formação e constituição da Colônia e da região ao inserir seus costumes e conhecimentos, transformando esse processo numa dinâmica de trocas culturais, que colaborou na construção da identidade brasileira.

**Palavras-chave:** Redes de sociabilidades, imigrantes alemães, identidade brasileira.

**Abstract:** This article is partial a result of research developed at the doctorate. This study has the intention of assimilating the network of sociability woven by the German immigrants and their descendent, dwellers of the Riograndense Colony in the city of Maracaí, state of São Paulo, Brazil. Analyzing some aspects of the daily routine of these people, in their work and leisure issues, made possible to assimilate how the German community incorporated the cultural practices in the meantime that contributed to the formation of the Colony and its region while introducing its habits and knowledge turning this project in to a dynamic of social exchanges that collaborated to the formation of the Brazilian identity.

**Keywords:** sociability network, German immigrants, Brazilian identity.

### **Apresentação**

Esta pesquisa procurou apreender as redes de sociabilidades dos moradores que formaram a *Colônia Riograndense*, na região de Macaraí, interior de São Paulo, tecidas entre 1950 a 1990. Esta agregou em torno de si principalmente imigrantes alemães e migrantes de origem alemã vindos do Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros, mas, também grupos de diversas nacionalidades – poloneses, austríacos, húngaros e suíços, estes últimos com menor expressividade. Os diferentes grupos vieram em

---

\* Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP - Email: lidibraun@uol.com.br

períodos distintos, a partir da década de 1920. Apesar da diversidade de nacionalidades inseridas nesse processo, o foco da pesquisa são os imigrantes alemães que se instalaram nos bairros chamados Água do Macaco, Água da Estiva e Água da Barra Mansa.

O objetivo central dessa pesquisa é, portanto, discutir a inserção dos imigrantes alemães e seus descendentes na dita Colônia Riograndense a partir das redes de sociabilidade estabelecidas e apreender os sentimentos múltiplos que emergiram no interior do grupo e fora dele. Tais sentimentos se deram por meio das práticas cotidianas e da participação em determinadas instituições como, a Igreja Luterana, a Cooperativa Riograndense, os clubes, as festas e as diversas atividades de lazer que, embora indicassem trajetórias de vida e experiências comuns, evidenciaram olhares distintos sobre essa mesma experiência.

Além da importância das Instituições mencionadas, outra, de caráter mais privado também deve ser mencionada – a família. Talvez a mais importante por se estabelecer numa esfera mais privada, pela convivência entre iguais, por laços de sangue ou de parentesco; ou ainda, por existir num “universo social separado, empenhado em um trabalho de perpetuação das fronteiras e orientado pela idealização do interior como sagrado. A família é um princípio de construção da realidade social”. (BOURDIEU, 1996, p. 125-127).

As famílias que se instalaram na Colônia saíram de um contexto de crise na Europa do pós-guerra, e o Brasil era visto como lugar apropriado para recomeçar uma nova vida. Devemos levar em conta também o período de imigração, portanto, de recomeço e reelaboração da cultura herdada do lugar de origem. Dito isto, cabe observar como a construção da memória coletiva e individual na Colônia Riograndense permeou o aspecto social através da inserção dos imigrantes alemães e seus descendentes na sociedade brasileira e nesta região, bem como das instituições das quais eles participavam, estabelecendo uma relação entre memória individual - captada através das fontes particulares e orais -, e a memória coletiva.

Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart em *Teorias da Etnicidade* definem o termo *grupo étnico* tomando como base a bibliografia antropológica, conforme Narrol (1964) como sendo,

Uma população que, 1º perpetua-se biologicamente de modo amplo, 2º compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais, 3º constitui um campo de comunicação e de interação, 4º possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 189-190).

Embora essa definição de *grupo étnico* designe o conceito de raça, de cultura, de linguagem e de sociedade, tal formulação, segundo Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart tem algumas objeções, “pois impede-nos de entender o fenômeno dos grupos étnicos e seu lugar na sociedade e na cultura humana”.(POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.190). A definição dos autores parece-nos mais adequada.

A etnicidade não é um conjunto intemporal, imutável de “traços culturais” (crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez, práticas de vestuário ou culinária etc.), transmitidos da mesma forma de geração em geração na história do grupo; ela provoca ações e reações entre este grupo e os outros em uma organização social que não cessa de evoluir. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.11).

Enveredando pelas diferentes formas de sociabilidade, possibilitadas pela circulação e ampliação das redes de relações e das mais variadas formas de convívio desse sujeito, se faz necessária a análise de algumas peculiaridades no processo de inserção e de integração dos imigrantes alemães e seus descendentes na Colônia Riograndense. Contudo, é fundamental, primeiramente, definir alguns conceitos básicos sobre dois termos aparentemente antagônicos – *sociedade e indivíduos*, que Norbert Elias analisou. Segundo Elias,

A *sociedade*, como sabemos, somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas. Mas uma porção de pessoas juntas na Índia e na China formam um tipo de sociedade diferente da encontrada na América ou na Grã-Bretanha; a sociedade composta por muitas pessoas individuais na Europa do século XII era diferente da encontrada nos séculos XVI ou XX. E, embora todas essas sociedades certamente tenham consistido e consistam em nada além de muitos indivíduos, é claro que a mudança de uma forma de vida em comum para outra não foi planejada por nenhum desses indivíduos (...) Todo *indivíduo* nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas. (...) Mesmo dentro de um mesmo grupo, as relações conferidas a duas pessoas e suas histórias individuais nunca são exatamente idênticas. Cada pessoa parte de uma

posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar à morte<sup>1</sup>.(ELIAS, 1994, p.13,26 e 27).

Norbert Elias aborda uma questão central que é a existência de uma relação entre a sociedade e o indivíduo, ou seja, a relação entre a pluralidade das pessoas e a pessoa singular e vice-versa. Ao associar os termos sociedade e indivíduo, Elias estabelece uma nova forma de analisar como cada indivíduo se liga à sociedade a qual é constituída por uma pluralidade de indivíduos. A relação entre indivíduo e sociedade é muito complexa, pois não são entidades estanques. Isso nos remete a analisar até que ponto cada pessoa é influenciada pela posição ou lugar social em que ingressa na dinâmica do processo social.

Em a *Economia das trocas simbólicas*, Pierre Bourdieu tem uma postura crítica que consiste em admitir que existem no mundo social estruturas objetivas que podem dirigir e coagir a ação e a representação dos indivíduos, ou seja, dos agentes. No entanto, tais estruturas são construídas socialmente assim como a ação e o pensamento, o que Bourdieu chama de *habitus*. Os agentes incorporam a estrutura social, ao mesmo tempo em que a produzem, legitimam e reproduzem. Segundo Bourdieu,

Nada mais falso do que acreditar que as ações simbólicas nada significam além delas mesmas: na verdade, elas exprimem sempre a posição social, segundo uma lógica que é à maneira da estrutura social, a lógica da distinção, assim, a linguagem e as roupas, ou melhor, certas maneiras de tratar a linguagem e as roupas, introduzem ou exprimem desvios diferenciais no interior da sociedade, sob forma de signos e insígnias da condição ou da função. Conseqüentemente, com a língua, o vestuário, enquanto sistema simbólico com função expressiva obedece à lógica das oposições significativas. (BOURDIEU, 1996, p.17-18)

Tomando como base a definição desses conceitos, procuro compreender a rede de relações de sociabilidade que foram sendo construídas no interior da comunidade da Colônia Riograndense entre sociedade e indivíduo, apontando para algumas questões relacionadas à inserção dos alemães e seus descendentes, abarcando aspectos que permearam o cotidiano dessas pessoas, nos seus espaços de lazer, trabalho, religião e as representações simbólicas que cada um construiu do mundo social.

Do ponto de vista histórico, os conceitos de indivíduo e de sociedade expressam as experiências e os significados atribuídos por homens, mulheres e crianças às suas lutas e vivências, ou seja, as diferentes práticas culturais. A cultura deve ser analisada a

---

partir de problemáticas historicamente formuladas em torno de lutas no campo<sup>2</sup> da organização de diferentes grupos sociais e sobre a construção de memórias e representações nas suas múltiplas interferências nas estratégias dos grupos sociais.

Dessa forma, tendo como parâmetro de reflexão a ideologia como representação do real, e partindo do mundo como representação, observa-se a representação do lugar social e qual o significado deste na vida cotidiana dos imigrantes e seus descendentes.

Roger Chartier, em *A História Cultural. Entre práticas e representações*, aborda a questão das representações, do mundo social que, embora indiquem uma universalidade fundada na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso essa investigação sobre representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio<sup>3</sup>.(CHARTIER, 1990, p.17)

E. P. Thompson em *O termo ausente: experiência* diverge das reflexões de Chartier ao analisar o termo experiência social, caracterizando cultura como um todo, não separando o que consideramos as práticas culturais. Para Thompson não há teoria que dê conta do mundo sem que se observe a diversidade da experiência histórica e das relações sociais.

Segundo a concepção de Thompson, existem vários modos de vida e de cultura.

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais

---

<sup>2</sup> Segundo Bourdieu “o “campo” é um recurso metodológico que permite ordenar o real e visualizar a estrutura das relações sociais. Refere-se também à dimensão prática da pesquisa, ou seja, de como encaminhar o processo que envolve a construção e a compreensão do objeto de pesquisa. O campo é, por assim dizer, uma forma de pensar o espaço da ação dos agentes em suas relações histórico-sociais sem a pretensão de se apreender a totalidade absoluta do real e, por outro lado, sem cair no particularismo. Os limites do campo são definidos pelos efeitos exercidos pelos agentes. O campo deve, assim, ser pensado como espaço de luta, de transformação e mudança”. BOURDIEU. P. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”), e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (THOMPSON, 1981, p.182)

Confrontando o termo experiência, desenvolvido por Thompson, e o conceito de representação simbólica, assinalado por Chartier, é fundamental mensurar alguns aspectos. Mesmo compreendendo diferenças de concepção entre os dois autores, penso ser possível apropriar-me das discussões levantadas por eles, no tocante ao processo de construção das relações numa determinada sociedade. Portanto, o ponto de partida da análise são as experiências, as relações e a representação que se constituem na construção de novas culturas. Thompson considera a experiência humana fundamental para compreender o diálogo entre o ser social e a consciência social. Já para Chartier, é fundamental identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais.

Tais reflexões levantadas por Chartier e por Thompson convergem no sentido compreender as relações sociais e também questionar as delimitações definidas até então como estanques e problemáticas. Dessa forma, as formulações de Chartier contribuíram no sentido de apreender nas pessoas o seu sentimento em relação às representações e as estratégias criadas para enfrentar as imposições e dominações ocorridas no processo de inserção e os pontos de afrontamento entre eles.

As discussões de Thompson, por sua vez, forneceram elementos que possibilitaram enveredar pelos caminhos dos imigrantes e seus descendentes que, vivendo uma experiência comum, construíram e fortaleceram laços na vida cotidiana, nas relações sociais estabelecidas com pessoas pertencentes ao núcleo de imigrantes, e com a comunidade brasileira. Nelas, cada um preservou e cultivou tradições e costumes, ao mesmo tempo em que os recriou, em seu dia-a-dia, nas suas interrelações.

Afinal, essa população que se aproxima, ao se identificar como sendo do mesmo grupo, tem uma história marcada por laços comuns e por muitas divergências culturais, conflitos, tensões e uma multiplicidade de histórias específicas. Em suma, a cultura se expressa como todo um modo de vida, de organização, de percepção e de inserção no espaço e nas relações de sociabilidade. Nesse sentido, partindo de categorias como cultura e experiência social, entendemos lutas sociais como lutas de interesses e de representação.

Focalizando o conceito de cultura e suas interrelações, podemos estabelecer uma relação entre a realidade e a representação que se faz dela, considerando a diversidade cultural por meio das práticas culturais que se expressam em diferentes âmbitos da vida social; as diferentes relações de poder e as formas de subordinação e de exploração; bem como as práticas de resistências e as relações que se estabelecem na teia social entre tempo e espaço, público e privado.

Analisando as narrativas e as fontes das instituições e buscando compreender as relações de sociabilidade e as práticas culturais - o lazer, o trabalho, os casamentos, as festas tradicionais e os grupos de corais - foi possível perceber nas pessoas um sentimento de pertencimento ao lugar, um sentimento de se tornar brasileiro. Ou seja, de manter uma identidade com a cultura brasileira.

Michel de Certeau (1994) analisa a criação e a invenção das práticas culturais e fornece elementos significativos para pensar o dia-a-dia da Colônia Riograndense e as interrelações de trabalho e sociabilidade estabelecidas em seu interior, por homens e mulheres, e as estratégias de sobrevivência acionadas por eles nesse processo.

Certeau procura observar como cada sujeito cria suas estratégias no seu cotidiano. Para ele, a cultura popular é algo vivo e nela há relações de poder. Dessa forma, a cultura só existe por meio das relações sociais que se estabelecem entre si.

### **O tempo de edificar: os desafios**

A vinda de alemães para o Brasil remonta ao século XIX, mais especificamente entre o período de 1824 a 1969.

Originários inicialmente do Rio Grande do Sul, os alemães e seus descendentes fundaram a Colônia Riograndense<sup>4</sup> que se situa no município de Maracaí, no sudoeste do Estado de São Paulo, a cerca de 500 km de distância da capital e se constituiu a partir de 1922, por iniciativa de Michel Lamb<sup>5</sup>, um gaúcho de origem alemã que adquiriu uma

---

<sup>4</sup> Para definir melhor o conceito de *colônia* faremos uso da utilização do *dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, Editora Nova Fronteira, no qual, define-a como um “conjunto de indivíduos da mesma nacionalidade que se estabelecem em um país estrangeiro” e para *colono*, a definição é “membro de uma colônia; cultivador de terra pertencente a outrem”. Contudo, a Colônia Riograndense foi constituída por alemães e seus descendentes, os quais adquiriram o seu pedaço de terra, passando a morar e explorar a terra que colonizou e cultivou, criando condições que proporcionaram ao colono ser o proprietário da terra.

<sup>5</sup> Michel Lamb nasceu em São Sebastião do Caí – RS, em 21 de novembro de 1879, e se instalou na Colônia Riograndense, em agosto de 1922, em companhia da esposa, dez filhos e dois irmãos. É considerado pela memória coletiva o precursor da colonização nessa região.

propriedade na *Fazenda Capivara*, atual Colônia Riograndense. Dessa forma, a colonização não teve participação do Estado - como aconteceu em diversas regiões do Estado de São Paulo e em outras regiões do país - que recebeu um grande fluxo de imigrantes para trabalhar em regime de parceria ou de trabalho assalariado, constituindo-se em grandes centros coloniais de imigração.

Essa região ofereceu aos imigrantes boas condições climáticas, de solo, localização e de negociar a compra das terras. A área total da Fazenda Capivara comportava 8.206 hectares que foram divididos em lotes e, colocados à venda por iniciativa dos sócios Cupertino de Castro e Otto Isernhagem, da Companhia de loteamento<sup>6</sup>.

Como Michel Lamb, um gaúcho foi o pioneiro na colonização, o nome Colônia Riograndense, conseqüentemente, surge desse fato. Michel Lamb adquiriu sua propriedade na Água do Macaco, núcleo central da Colônia Riograndense. Em fins de 1929, Michel Lamb comprou outra área de terras na Colônia Riograndense, a Fazenda Anhumas, no Bairro Água da Estiva, com o propósito de loteá-las e colocá-las à venda.

A iniciativa de Lamb influenciou muitos parentes, amigos e compatriotas, bem como os imigrantes alemães. Para a Colônia imigraram grupos de diferentes nacionalidades. Além dos alemães, também vieram poloneses, austríacos, russos, suíços, húngaros e migraram descendentes de alemães já radicados no Brasil de vários estados brasileiros, com predomínio de gaúchos, mas também de pessoas vindas do Espírito Santo, Santa Catarina, Minas Gerais e de outras regiões do Estado de São Paulo.

Nos primeiros anos de formação, os problemas enfrentados foram muitos e em todos os aspectos da vida. Problemas relacionados à distância que tinham de percorrer à pé até chegar ao local onde iriam morar, atravessando a mata virgem e abrindo caminhos com foices e facões eram comuns. Outro problema enfrentado era em relação à moradia, pois tinham que construir um rancho provisório para morar. Menciono ainda outro agravante que surgiu com as doenças. Estas mataram boa parte da população, que não tinha recursos suficientes para buscar a cura em outras cidades. As dificuldades se agravaram quando o assunto era a obtenção de gêneros alimentícios, o consumo de água

---

<sup>6</sup> Cupertino de Castro era sobrinho de Alfredo Antunes de Oliveira, proprietário da Fazenda Capivara. Otto Isernhagen era de origem alemã. Da associação entre os dois surgiu a Empresa Cupertino de Castro e Cia, fundada no dia 20 de Junho de 1919.

limpa para beber, preparar os alimentos e fazer a higiene pessoal.

Para que as primeiras plantações pudessem ser cultivadas, os colonos tinham de trabalhar muito para deixar a terra apropriada para o seu cultivo. Plantava-se primeiramente mandioca, milho, feijão e diferentes hortaliças. O trabalho era realizado diretamente pelo proprietário das terras e sua família, especialmente para o consumo próprio. Geralmente, iniciavam a plantação com lotes pequenos, pois iam devastando a mata aos poucos. De início, também criavam algumas galinhas que rendiam alguns ovos para o consumo; porcos e, usualmente algumas cabeças de gado, que serviam tanto para o abate quanto para a produção de leite.

As características desse processo, desde o início, tiveram como base a produção camponesa<sup>7</sup>, ou seja, a pequena propriedade agrícola, na qual, todos os membros da família trabalhavam.

Essas famílias dedicaram-se à atividades agrícolas para garantir sua subsistência e também começaram a produzir para o mercado, com destaque para a produção de alfafa. Porém, os percalços foram muitos, em decorrência das condições precárias das instalações iniciais das famílias, que envolveram a superação de doenças e adversidades de natureza distintas.

### **As doenças e as estratégias de sobrevivência**

Os acidentes de trabalho e muitas fatalidades que acometiam os colonos foram frequentes na época, pois a forma precária em relação ao trabalho e às atividades em geral dificultaram a vida cotidiana na Colônia. Geralmente, isso acontecia no período de plantio e, devido à falta de assistência médica adequada, ao desconhecimento de muitas doenças, à falta de remédios específicos para combatê-las, e a inexistência de transportes foram entraves que dificultaram mais ainda o modo de sobrevivência na Colônia. As famílias tinham de percorrer uma longa distância até chegar aos hospitais onde haviam profissionais especializados de saúde. O que ajudava as famílias eram as pequenas farmácias instaladas nas proximidades.

---

<sup>7</sup> Seyferth utiliza a definição de Shanin para apreender o conceito da propriedade camponesa que também faremos uso neste trabalho. “*Para ele, (Shanin) o campesinato consiste de produtores agrícolas de pequena escala que, com a ajuda de equipamento simples e do trabalho de suas famílias, produzem o suficiente para seu próprio consumo e para o preenchimento de obrigações com os detentores do poder político e econômico. Uma tal definição implica numa relação específica com a terra, a fazenda familiar camponesa e a aldeia camponesa como as unidades básicas de interação social, uma estrutura ocupacional específica e influências particulares do passado juntamente com padrões específicos de desenvolvimento*” (Cf Seyferth, 1974, p.12).

A precariedade nesse período se tornou um agravante, considerando que, as pessoas que escolheram o Brasil para morar, estavam começando sua vida em terras distantes, procurando se adequar aos costumes e aos hábitos brasileiros.

Com o passar dos anos e com a vinda dos primeiros caminhões, os problemas foram se amenizando. Quem não tinha uma condução própria pedia a um vizinho ou amigo que levasse os doentes para receber assistência médica nas cidades da região, especialmente Maracá e Assis. Além disso, a partir de 1970, as famílias foram adquirindo, gradativamente seu próprio carro, o que lhes permitiu maior comodidade. Isso facilitou as condições não só de assistência médica, como também de melhorias em todos os aspectos da vida, permitindo a permanência e o entrosamento, culminando na inserção dos imigrantes alemães e seus descendentes na região.

Os entrevistados vinculam a precariedade em relação à assistência médica com a falta de conhecimento sobre as doenças próprias da nova terra, e as dificuldades para tratá-las foram desafiando os colonos e suas famílias a criarem e recriarem estratégias de sobrevivência a partir da convivência com as pessoas que moravam na região, especialmente com os brasileiros e aquelas que assimilaram os costumes adquiridos dos brasileiros em relação às curas com ervas e plantas medicinais.

O desconhecimento em relação às doenças, aos insetos, à precariedade no trabalho, a dificuldade em relação à água e a falta de assistência médica e de remédios se tornaram elementos compositivos de uma realidade vivida, num contexto que assinalou grandes transformações no cotidiano das pessoas as quais buscaram essencialmente anular os entraves e as discrepâncias existentes entre as convicções que outrora sonharam e o que efetivamente viveram.

Sem assistência médica adequada e com falta de transportes, as pessoas apelaram para as estratégias de sobrevivências elaboradas pelos próprios moradores da Colônia e região, especialmente dos costumes dos brasileiros. Muitos homens fizeram papel de farmacêutico, aplicando injeções ou fazendo tratamentos com ervas medicinais. Os próprios produtos utilizados em tratamento com animais, como a creolina, já mencionada acima, acabavam sendo usados também para cuidar das pessoas.

Mary Del Priore, em seus estudos sobre as doenças das mulheres e suas alternativas de cura no período colonial, destaca que desde aquela época,

As mulheres e suas doenças moviam-se num território de saberes, transmitidos oralmente, e o mundo vegetal estava cheio de signos das práticas que os ligavam ao quintal, à horta, às plantas. Sem os recursos da medicina para combater suas doenças cotidianas, as mulheres buscavam as curas informais. (DEL PRIORE, 1997, p.88, 89 e 94).

Doenças como o tifo - esta com menor incidência neste período -, a malária, a doença de chagas, a desnutrição, os problemas de verminoses e também com a tosse comprida, entre outras, foram frequentes e, pelo que foi possível observar, houve muitas vítimas fatais. Essas doenças se agravaram, tanto pela transmissão dos insetos e parasitas quanto pela falta de uma alimentação saudável, tão necessária ao desenvolvimento e ao equilíbrio do corpo. A maioria das famílias sobreviveu por muito tempo apenas de mandioca, fubá de milho, arroz e pão branco.

A quantidade de nutrientes ingerida pelas pessoas era desproporcional, pois alguns nutrientes abundavam e outros faltavam. Isso colaborou para que as doenças se propagassem mais rapidamente. Outro agravante a ser levado em consideração foi a questão das condições de higiene no que tange à falta de água tratada para beber e tomar banhos, e as instalações sanitárias que serviram por muito tempo de banheiro e foram determinantes para a propagação das doenças.

Alternativas com ervas medicinais foram constantes. Esses costumes foram incorporados e utilizados pelas pessoas buscando salvar vidas. Algumas dessas práticas foram transmitidas por brasileiros que moravam nas redondezas, outras compartilhadas entre os próprios colonos que traziam o conhecimento e aqui passavam a fazer novo uso em seu cotidiano. Ervas como a *língua de boi*, por exemplo, eram usadas para curar feridas. A babosa era utilizada, tanto para curar enfermidades das pessoas quanto dos animais. Havia também folhas de árvores que eram usadas seja para curar a malária seja contra o veneno de cobras.

Também era usado o chá de marcela e a folha de goiaba para curar a diarreia e a creolina que, além das suas várias funções - como curar feridas - serviu também para combater a dor de dente. Colocava-se um pouco de creolina em um pedaço de algodão em cima do dente. O Sr. Gustavo Lamb, irmão de Michel Lamb, trouxe do Rio Grande do Sul, remédio para febre, além do Bálamo Alemão que era utilizado para curar várias doenças e também a oline para as doenças e males do estômago. Esses produtos foram utilizados ao longo dos anos, repassando os ensinamentos para

as outras gerações. Enfrentando as dificuldades cotidianas, as pessoas foram criando e recriando novas práticas, valores e significados<sup>8</sup>.

Benedita Celeste Moraes Pinto (2001) analisa a prática das parteiras e poções feitas de ervas, raízes e cascas de paus vindas das matas e das ribanceiras dos rios da região de Umarizal, no Pará. Ela defende a idéia de que,

No alvorecer do terceiro milênio, as mulheres rurais do povoado de Umarizal, compactuando com as demais, que vivenciam e testemunham o isolamento, o abandono e a pobreza de lugares longínquos do imenso território brasileiro, ainda continuam criando e recriando alternativas próprias, tecendo teias de resistência para sobreviver. (MORAES PINTO, 2001, p. 322)

Até aproximadamente a década de 1970, a maioria das crianças ainda nascia na Colônia Riograndense com a ajuda de parteiras<sup>9</sup>. Deslocavam-se até a cidade de Assis somente quando havia alguma complicação, e o meio de transporte utilizado eram os caminhões da época. Somente mais tarde, com a melhoria das estradas e de transporte, é que os bebês passaram a nascer nos hospitais das cidades da região.

As estratégias de sobrevivências e as alternativas criadas pelos próprios sujeitos faziam parte daquele cotidiano, e essa cultura foi sendo introduzida e criada ali pelos imigrantes alemães e seus descendentes, às vezes improvisando, outras vezes aprendendo com os brasileiros que moravam na região, num processo de integração. Essas foram práticas importantes no processo de inserção dos imigrantes alemães na região do Vale do Paranapanema.

### **Rememorando o cotidiano: uma trajetória de escolhas**

A partir da década de 1950, inicia-se na Colônia Riograndense um processo de profundas transformações sociais, o que sinalizava para grandes mudanças no cotidiano das famílias dos colonos, conseqüentemente, também na mentalidade das pessoas. Esse foi um processo que rompeu com algumas das formas tradicionais, tanto no que dizia respeito aos hábitos e visão de mundo, quanto nas formas mais tradicionais das relações de trabalho, pois se criaram novos hábitos e costumes; novas formas de relacionamentos se estabeleceram, houve uma diminuição do esforço físico nas questões que envolviam o trabalho de forma geral, porém, aumentou a responsabilidade das pessoas em administrar suas finanças; a organização em torno dos gastos do trabalho e da casa.

---

<sup>8</sup> Raymond Williams traz uma reflexão significativa sobre criação e recriação de tradições e costumes. (Cf. Williams, 1979).

<sup>9</sup> Minha bisavó Sabina Rosenacker foi uma parteira que ajudou muitas crianças a virem ao mundo.

Nesse período de grandes transformações, em seus diferentes âmbitos, a Colônia tinha aproximadamente 3.000 (três) mil habitantes, originários de diferentes procedências e de imigração de períodos distintos que se iniciou na década de 1920.

Esse processo também rompeu com a simples produção de subsistência passando a uma produção de grande escala, na qual se passou a produzir grãos, comercializá-los e até exportá-los. Dessa forma, novas relações de trabalho de mão-de-obra também se modificaram, pois ao produzir em grande escala os agricultores precisaram aumentar sua força de trabalho, contratando assim, mão-de-obra assalariada, deixando para trás as formas tradicionais de auxílio mútuo e de troca de serviços.

No setor da economia, a alfafa domina o cultivo até a década de 1950, caracterizando-se como um período de grandes melhorias para os colonos, pois esse plantio trouxe desenvolvimento para a região, embora não tenha atingido todas as famílias. É também nesse momento em que surgem os primeiros tratores e caminhões, facilitando o manejo com o plantio da alfafa até a mudança de cultivo para o milho e, mais tarde, para a soja e o trigo.

A introdução gradativa dos meios de produção mecanizados proporciona aos imigrantes alemães as condições necessárias para o plantio e a comercialização da produção, ao mesmo tempo em que reforça as relações de sociabilidade nesse espaço. Os primeiros tratores, os pequenos caminhões e caminhonetas, além dos cavalos e charretes, serviram durante muito tempo, tanto para o trabalho, quanto para realizar as atividades de lazer, se locomovendo de um bairro para o outro.

Nas memórias relembradas sobre a Colônia, convivem heroísmos, dificuldades e decepções. Para muitos, o impacto com o novo lugar desmistificou todo aquele colorido pintado pelos interessados em colonizar essa região, mesmo para aqueles que vieram de regiões mais pobres.

A expectativa que a maioria dos imigrantes tinha em relação ao Brasil era a de encontrar um lugar onde pudessem buscar melhores condições de vida e, reconstruir suas vidas. A vinda para o Brasil consistiu em confrontar-se com diferentes culturas e, por isso mesmo, para muitas pessoas, foi difícil recomeçar. De todo modo, muitos imigrantes foram, aos poucos, se inserindo na sociedade brasileira. Outros tiveram maior dificuldade em se integrar e adaptar-se à nova vida e, dessa forma, emergiu o sentimento de frustração diante da nova realidade.

Esse estranhamento e desconforto frente à nova realidade não é específico desse grupo. Tais sentimentos também emergem entre os imigrantes italianos analisados por Flávia A. Oliveira que demarcou as transformações históricas e o confronto entre as culturas que os imigrantes italianos tiveram de enfrentar ao se confrontar com o novo continente, aliás, muito diverso do europeu. Diz a autora:

Em determinados contextos históricos, essas transformações aceleram-se, pondo em curso mudanças profundas, pois o “outro”, que é o parâmetro do “eu”, é um outro que também está passando por um processo de mudança (...) Com efeito, a dor ou a alegria, as seguranças ou incertezas que envolviam os imigrantes no momento da partida, situavam-nos ante um desenrolar de situações de enfrentamento do novo que culminava com sua chegada à América<sup>10</sup>.(OLIVEIRA, 2008, p.43)

Para muitos imigrantes, o desejo de retornar ao país de origem permeou toda a vida. Outros, que se inseriram com mais facilidade ou que já vieram com a intenção de permanecer, não cogitaram a idéia de retornar.

Os últimos imigrantes chegaram até a década de 1950/60. Neste momento, os primeiros imigrantes já haviam se inserido na Colônia. Nesse período, com as transformações gradativas que ocorreram, os integrantes dessas últimas levas encontravam uma Colônia parcialmente transformada, tanto no que dizia respeito ao aspecto cultural quanto à transformação da paisagem do campo, pois, aos poucos, foram derrubando a mata virgem, reconstruindo suas vidas e se integrando à sociedade brasileira.

Os relatos das experiências de vida dos imigrantes e migrantes expressam o verdadeiro sentido da construção da imagem sobre a exploração da terra. O tempo difícil na Europa, as privações causadas pela guerra, a luta pelo pão, levou as pessoas a buscar meios para construir uma nova vida, para serem livres na própria terra, vislumbrada na Colônia Riograndense como a *Terra da Promissão*.

Ao sair de sua terra natal, essas pessoas buscaram mudar de vida, e a Colônia foi o território escolhido para idealizar as suas conquistas. Explorar a terra significou, acima de tudo, o *meio de sobrevivência*, ao mesmo tempo em que possibilitou a muitos colonos a realização da conquista de seus sonhos, bem como, um meio de obter melhor qualidade de vida. Contudo, essa experiência, impregnada de percalços e contradições, significou, para muitas pessoas, frustrações e decepções.

Tanno, ao analisar as formas de inserção de imigrantes japoneses, reconstrói também a trajetória de inserção da sua família, que foi lembrada pela sua mãe, como tempos vividos com muita dificuldade e a necessidade de adaptação aos costumes brasileiros.

O dia-a-dia era de muito trabalho, a família sempre acordando às quatro da manhã para ir ao campo, além de as mulheres terem de ajudar nos afazeres de domésticos realizados por minha avó, que ficava encarregada da casa. Afora algumas particularidades, parece-me que a história de vida de minha família encontra paralelo com a de milhares de outros japoneses que vieram para cá na esperança de enriquecer rapidamente e voltar para o país de origem. (TANNO, 2008. p.67).

Foi possível apreender as diferenças culturais entre os próprios moradores na vida cotidiana da Colônia. Essas diferenças se concretizavam nas questões relacionadas à língua, pois os alemães e as pessoas de outras nacionalidades que vieram diretamente da Europa falavam o alemão culto, *Hochdeutsch*, ou então outro tipo de dialeto; e os gaúchos usavam o dialeto *Hunsrückisch*. Os hábitos alimentares, e o modo de se vestir de cada um se tornaram um diferencial cultural relevante no processo de integração entre eles.

Oliveira enfatiza o estranhamento com o “outro” já no momento da partida dos imigrantes italianos para o Brasil.

Certamente, o encontro de imigrantes no porto de embarque foi um dos momentos marcantes de suas vidas. Era naquele espaço que pessoas oriundas de diferentes regiões italianas começavam a mostrar umas às outras o que as aproximava e as distanciava. A percepção das diferenças podia se dar por meio dos sentidos da visão, audição e olfato. O primeiro possibilitava distinguir no outro seu modo de vestir, de alimentar-se, de gesticular, de portar-se, enfim, suas formas de comportamentos. Pela audição, percebia-se a sonoridade dos diferentes dialetos, além do som das canções cantadas ou tocadas, principalmente dos napolitanos. Pelo olfato, eram os cheiros do outro impregnado nas roupas e no corpo pelo uso de condimentos alimentares diferentes, pelos odores provenientes do próprio meio onde viviam ou mesmo pela ausência de higiene. (OLIVEIRA, 2008, p.46)

Outro aspecto, não menos importante, era a diferença em relação às profissões dos imigrantes. Muitos não sabiam trabalhar com a terra e tiveram de aprender com os vizinhos, parentes ou amigos, pois na Alemanha trabalhavam nas cidades. Outros, já trabalhavam com a terra lá e, por isso, tinham mais facilidade; e buscaram então aprimorar seus conhecimentos de forma a enfrentar as dificuldades e a precariedade desse período. Cada um tinha sua maneira de viver, seus hábitos e costumes,

procurando conviver e compartilhar as experiências, numa dinâmica de inserção na comunidade.

No entanto, nesse processo de adaptação e ressignificação dos costumes, a convivência entre iguais foi fundamental para amenizar os sofrimentos, as angústias vivenciadas nos primeiros anos e, de certa forma, recriar alguns elementos da tradição alemã, procurando preservar a sua identidade.

As profissões eram exercidas paralelamente ao trabalho com a terra. Trocar serviços com os outros foi muito comum na Colônia. Como havia muitas profissões diferentes, cada um fazia o que sabia, e assim ajudavam-se mutuamente. É evidente que, a partir de 1950 o trabalho sofre influências das transformações ocorridas em âmbito mais geral, pois as pessoas passaram a contratar serviços de terceiros, ou então, tornaram-se parceiros uns dos outros.

Para a Colônia vieram diversos tipos de trabalhadores: marceneiros, ferreiros, açougueiros, pedreiros, carpinteiros, ferroviários, jardineiros, trabalhadores de minas de carvão, bem como trabalhadores que já lidavam com a terra seja na Alemanha seja em alguns estados brasileiros. No entanto, as profissões mais diversificadas vieram da Europa. Quem veio do Rio G. do Sul e do Espírito Santo eram aqueles que já sabiam trabalhar melhor com a terra e conheciam alguns cultivos, como o da mandioca e também do milho. Dentre as profissões citadas acima, alguns trabalhadores acabaram montando seu próprio negócio na Colônia, paralelamente ao trabalho na lavoura.

Sabemos da instalação de um ferreiro que construía carroças, cabrestos, ferraduras, entre outros equipamentos do ramo. Um curtume também foi instalado nas proximidades da Colônia, sendo que este fabricava utensílios de couro como, cintos, uma espécie de sacola para pendurar no cavalo, arreios, selas e outros. Havia também um moinho para triturar o trigo que os agricultores produziam para o seu próprio consumo.

A partir da década de 1950, com o surgimento da bomba d'água à gasolina e, mais tarde, as bombas d'água elétricas, com o advento da eletricidade em fins da década de 1960, a vida das famílias dos imigrantes transformou-se rapidamente, visto que tudo isso possibilitou novas formas de relações de sociabilidade e de trabalho. A eletricidade foi um benefício que viabilizou melhorias a todas as famílias que, paulatinamente foram se adequando a esse processo de transformação, caracterizando este período como uma etapa diferente da vivida até então.

No diálogo que estabeleci com meus entrevistados, foi possível apreender os sentimentos e as expectativas que cada uma dessas pessoas vivenciou no seu dia-a-dia. Buscando melhorias na qualidade de vida, por meio do trabalho com a terra, as pessoas foram se enraizando, construindo a nova morada através dos seus conhecimentos, seus costumes, sua maneira de viver, constituindo uma nova identidade, interagindo com as pessoas que moravam na região.

Donzelli, analisando o processo migratório em Penápolis/SP procurou ressaltar as práticas culturais difundidas historicamente pelos imigrantes e seus descendentes e constata que,

As várias formas de sociabilidade estão permeadas por elementos inerentes às especificidades de cada uma dessas práticas, servindo de sentimento de pertença a uma comunidade e também de sentimento de desligamento da nação de origem, para um processo de integração aos hábitos de uma comunidade que se configurava. (DONZELLI, 2009, p.5)

Trabalhar coletivamente era uma questão de sobrevivência, pois a maioria dos imigrantes contava somente com a família e com os vizinhos. Toda a família participava do trabalho. Homens, mulheres, crianças, todos tinham de se unir e trabalhar. Seyferth, em seu livro *A Colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim*, também destaca a necessidade de organização em torno do trabalho, realizado por toda a família.

O trabalho na propriedade agrícola do colono alemão era exercido apenas pelos componentes da família: todos os seus membros, com exceção das crianças muito pequenas ou das pessoas muito idosas tinham sua parcela de trabalho, agrícola ou não. O maior ou menor desenvolvimento da produção agrícola numa propriedade dependia diretamente do tamanho e composição da família. (SEYFERTH, 1974, p.75)

Tanto os filhos mais jovens quanto os mais velhos auxiliavam no que fosse necessário. Começavam aos poucos, em cima da carroça, organizando a alfafa para que coubesse mais e logo já estavam arando a terra, primeiramente com os bois e, mais tarde, com os tratores, pois nem todos os colonos acompanharam o desenvolvimento e, muitos deles, adquiriram seus tratores anos depois de sua introdução na Colônia Riograndense.

A memória dos colonos trouxe à tona recordações de uma infância muito difícil na qual o trabalho competiu fortemente com os momentos de brincadeiras e de lazer. As

crianças eram acostumadas ao trabalho e, geralmente associavam o trabalho a um caráter positivo. Essa concepção está profundamente enraizada na cultura do europeu.

O fato de ter de trabalhar desde criança era uma *questão de sobrevivência*. Em contrapartida, alguns jovens buscaram novas escolhas, diferentes das que os pais fizeram em outros tempos. Outros permaneceram enraizados no campo seguindo o exemplo dos pais, talvez por falta de opção ou mesmo pela própria escolha.

Ecléa Bosi (1987) traz reflexões importantes sobre as lembranças que alguns dos seus entrevistados construíram a respeito do trabalho, pois a memória vem sempre acompanhada de uma valorização do trabalho realizado por eles.

Bosi discute também outro aspecto, pois ao recordar e ao narrar, os mais velhos transmitem o conhecimento adquirido aos mais novos, como uma forma de ensino, de conselho e de sabedoria - a arte da narrativa tão bem interpretada por Walter Benjamin que Ecléa Bosi resgata. Dessa forma, observei que as pessoas mais velhas buscaram transmitir aos mais novos as suas experiências, como tentativa de manter alguns elementos da sua cultura. Contudo, esse processo configurou-se numa relação permeada de conflitos e de tensões.

Para as gerações mais velhas, o trabalho exigiu um esforço físico muito grande, como já mencionei, pois todo o trabalho era realizado manualmente, com auxílio apenas dos bois e dos implementos que eles puxavam. Todavia, com a introdução das máquinas agrícolas, o trabalho tornou-se menos cansativo e mais rápido, entretanto, a responsabilidade aumentou. A memória dos mais velhos vem sempre acompanhada de uma valorização do trabalho realizado por eles e também de uma crítica, ou seja, *uma estranheza frente aos costumes atuais*. As lembranças do passado expressaram as ambiguidades que existiram, alternando-se entre perdas e ganhos.

Os meus entrevistados relembram das experiências do trabalho revelando com que intensidade as gerações mais velhas viveram formas de trabalho, acentuadas pela grande quantidade de tarefas desenvolvidas por eles no cotidiano. Mesmo que as gerações mais velhas se esforcem em ver que as coisas mudaram, que não são mais como eram na sua época, a tendência é ainda depositar as mesmas expectativas em relação ao trabalho das gerações mais novas.

As diferenças na maneira de pensar, na maneira de agir, nos hábitos, no trabalho, são evidenciadas pelos mais jovens através das perspectivas do presente e do futuro.

Acostumados a seguir os ensinamentos dos pais nas questões ligadas ao trabalho e na maneira de viver em geral, aos poucos, os jovens, homens e mulheres, foram se tornando adultos, passando a opinar e a seguir os novos caminhos escolhidos por eles próprios.

Às mulheres cabiam todos os tipos de trabalho. Cuidavam da casa e dos filhos, cozinhavam, lavavam, passavam, costuravam as próprias roupas e as roupas de cama. Cuidavam dos animais que produziam ovos, leite, penas para fazer travesseiros, até o ponto de consumir a sua carne. Trabalhavam no plantio da terra, ajudando de várias formas, pois realizavam o mesmo trabalho de um homem. Derrubavam o mato, preparavam a terra, auxiliavam o marido desde o cultivo até a colheita dos produtos.

Como não tinham com quem deixar as crianças, os mais velhos auxiliavam no trabalho e os mais novos ficavam brincando numa espécie de “chiqueirinho” construído de madeira pelos próprios pais. Os brinquedos daquela época eram oriundos da natureza. As espigas de milho, quando estavam no ponto de cozinhar, se tornavam as bonecas para as meninas. Tinham *cabelos* e as roupas eram da própria palha de milho. Para os meninos, os pais furavam as laranjas e tangerinas com pequenos galhos que se tornavam, na imaginação da criança, as vacas e os bois para brincar, pois já estavam acostumados à essa rotina.

A diminuição do trabalho das mulheres na lavoura aconteceu com a mecanização e com as melhorias que se foram adquirindo gradativamente.

Durante muitos anos, as famílias tiveram de tirar água do poço manualmente, lavar roupas nos rios, esquentar a água que tomavam banho ou então tomavam banho frio, até que passaram a desfrutar de alguns benefícios advindos da introdução gradativa dos recursos tecnológicos.

A maioria das senhoras costurava as próprias roupas da família. Elas utilizavam, além dos tecidos que podiam adquirir nos armazéns, também os sacos de tecido de algodão cru que vinham embalando as sementes de algodão e de trigo, tanto para a confecção de roupas para as pessoas quanto das roupas de cama. Os travesseiros e as cobertas eram confeccionados manualmente com penas de galinha, de ganso e de pato. Era um trabalho bastante minucioso, pois as penas tinham de ser levemente manuseadas para dentro das capas que as senhoras mesmo costuravam. Tinham de fazer isso num quarto fechado para evitar que as penas esparramassem por toda a casa.

Esgoto e água encanada vieram muito mais tarde. Enquanto isso, as canecas, baldes e bacias auxiliavam na utilização da água e as *privadas*<sup>11</sup> funcionaram por muito tempo como vaso sanitário.

A comida era cozida em fogões à lenha e os pães eram assados neles. Para passar roupa, era necessário utilizar a brasa do carvão para esquentar o ferro. As roupas eram lavadas na beira do rio, em cima de tábuas que eram utilizadas para bater a roupa. E, em seguida, enxaguadas diretamente no rio. As mulheres ficavam praticamente até com os joelhos dentro da água para realizar essa tarefa. Essa prática foi adquirida ao longo dos anos, através da convivência com famílias de brasileiros que também moravam na região.

A dinâmica de inserção na comunidade da Colônia Riograndense e na região por meio do costume de lavar roupas, adquirido dos brasileiros, demonstra existir um sentimento de pertencimento ao lugar e ao mesmo grupo. Dessa forma, as diferenças eram amenizadas, a partir do momento em que interagiam por meio das trocas de experiências. Mesmo sem ter que lavar mais a roupa no rio, pois, mais tarde, com a água encanada, as mulheres passaram a lavar a roupa em casa, muitas delas, utilizaram por algum tempo a tábua de bater a roupa.

Relacionando o passado com a atualidade devemos levar em consideração a precariedade vivida e a falta de conforto de épocas passadas, na qual ainda não se tinha alguns elementos básicos da vida moderna como energia elétrica, água encanada, telefone, dentre outros. Através dos tempos, as mulheres e as pessoas em geral sofreram profundas transformações em suas vidas, algumas como aquelas que provêm dos avanços tecnológicos que nos proporcionaram estarmos conectados com o mundo inteiro e viver numa realidade muito diferente daquela vivida por elas outrora. Contudo, as perdas também devem ser mencionadas.

Atualmente se faz necessário levar em conta o “corre-corre” e as dificuldades enfrentadas pela mulher moderna. Se a situação das mulheres de épocas passadas era difícil, do ponto de vista, nesse caso, doméstico, a realidade das mulheres mais jovens não é nada fácil também, pois se viram desempenhando várias funções ao mesmo tempo.

Sobre a construção do discurso dos atores sociais, Chartier afirma que,

---

<sup>11</sup> Privadas são pequenas casinhas construídas em cima de uma fossa que servia de vaso sanitário. Era menor que o tamanho de um banheiro comum.

Deve-se constatar que toda construção de interesses pelos discursos é ela própria socialmente determinada, limitada pelos recursos desiguais (de linguagem, conceituais, materiais etc.) de que dispõem os que a produzem. Essa construção discursiva remete, portanto necessariamente às posições e às propriedades sociais objetivas, exteriores ao discurso, que caracterizam os diferentes grupos, comunidades ou classes que constituem o mundo social. (CHARTIER, 1994, p.106)

As mulheres com quem dialoguei me revelaram que durante o período de gravidez desempenhavam as funções de sempre. O fato de estar grávida não interferia no ritmo de trabalho cotidiano. Quase todas elas me disseram que trabalharam até o momento de parir, em casa, com o auxílio de uma parteira.

As mulheres se dividiam entre os vários afazeres domésticos, quando tinham de se organizar em torno do trabalho e do nascimento dos filhos, numa dinâmica que intensificou o processo de inserção na comunidade e estabeleceu uma rede de relações de sociabilidade entre eles, pois a partir dessa dinâmica passaram a conviver intensamente com os brasileiros que moravam na Colônia, ou nos arredores. Estes, geralmente eram empregados dos colonos mais abastados e também uma população de migrantes que veio da região do Norte do Brasil para trabalhar na colheita de algodão, especialmente entre as décadas de 1960 a 1970.

O processo de integração e inserção de descendentes de alemães com os brasileiros ocorreu de forma desigual e não-linear. Era na convivência e no relacionamento do trabalho e na vida cotidiana que isso acontecia. Como todos os membros da família iam até o local onde trabalhavam na lavoura, havia uma possibilidade maior de se encontrar, seja nos espaços de trabalho, seja na volta para casa, ou então, nos espaços de lazer e nas festas, nas rodas de chimarrão. Ou ainda nas festas improvisadas nas próprias casas das famílias, com danças, músicas e diversão, reunindo os parentes e amigos. De qualquer forma, as pessoas acabavam se encontrando e conversando, numa dinâmica que proporcionou uma integração e intensificou a rede de sociabilidade entre eles.

Do mesmo modo, isso ocorria quando as crianças nasciam, pois, como as mulheres pariam em casa, com a ajuda da parteira, os vizinhos que, muitas vezes eram brasileiros, passavam em suas casas para ajudar em algo ou mesmo para auxiliar no parto.

Os entrevistados lembraram saudosamente dos momentos vividos com a família. Suas lembranças em relação ao trabalho familiar na plantação reforçam o sentimento de que valeu a pena lutar. É possível apreender também um sentimento de valorização da família que permaneceu unida, principalmente no que diz respeito ao trabalho coletivo familiar, como única forma de sobrevivência.

As redes de relacionamentos de sociabilidade foram sendo construídas ao longo dos anos. Alguns aspectos, como o acolhimento e as trocas de experiências, marcaram os relacionamentos entre iguais, e também com a sociedade brasileira, em que um ajudava o outro, pois necessitavam dessa integração. Desde a chegada, as famílias dos imigrantes alemães e seus descendentes contavam com o auxílio dos vizinhos ou dos amigos que já haviam se instalado na região. Esse costume surge com a religião que foi fundamental para as famílias sobreviverem e manter o ideal da conquista dos seus sonhos ao longo dos anos.

Portanto, a partir das redes de relacionamentos que as pessoas foram estabelecendo, emerge o “instinto de sobrevivência física, psicológica e cultural”. (Tanno, 2008, p.65). Manter a porta sempre aberta aos vizinhos e amigos permitiu a construção de relações de sociabilidade entre as famílias. Contudo, essa prática foi se transformando no decorrer dos tempos, consequência das transformações histórico-culturais ocorridas na própria Colônia que tornaram as pessoas mais distantes umas das outras, buscando realizar principalmente seus próprios interesses.

As lembranças de um tempo difícil em que toda a família sofreu, servem para justificar o sentimento de valor dado às coisas que obtiveram, comparado a dificuldade do passado, atribuindo um significado positivo, ao mesmo tempo em que associa a “facilidade” dos dias atuais a um significado negativo.

A crítica vem carregada de historicidade, pois, se por um lado, as pessoas tiveram de batalhar pelas suas conquistas - por isso também que atribuem um valor positivo diante das adversidades enfrentadas -, por outro, é possível apreender como as transformações ocorridas, em especial no cotidiano das pessoas influenciou diretamente na forma com que cada um passou a viver e, sendo assim, adquiriram outros hábitos, outras formas de pensar, diferente do passado. No entanto, isso não significa que as gerações mais jovens não tenham de lutar para conquistar sua profissão, seus bens

materiais, enfim, seu espaço. Da mesma forma, é inoportuno julgar qual o significado que essas gerações atribuem às suas vivências e experiências.

A memória dos meus entrevistados evidenciou a presença de um espírito de solidariedade e de entrosamento entre as famílias, no qual, um ajudava o outro como podia. Mesmo insistindo na valorização que as pessoas atribuíram a essa dinâmica de trocas e de auxílio, certamente houve momentos que emergiram também outros sentimentos que se expressaram em tensões e descontentamentos.

Com o decorrer dos anos, as famílias passaram a usufruir de confortos proporcionados pelo seu próprio trabalho e de vários recursos que facilitaram o seu cotidiano. Também em relação à água encanada, telefone, energia elétrica, estradas, transportes, etc., foram melhorias significativas para o bem estar das famílias. O esforço físico, tão necessário naquela época, cedeu lugar para as máquinas e computadores que passaram a realizar o trabalho de muitas pessoas. Para os homens, o manejo com os tratores e com as máquinas para o cultivo tornou o trabalho menos árduo. Para as mulheres, o ferro de passar roupa, a geladeira, a máquina de lavar roupas, e outros recursos, foram se tornando parte do dia-a-dia delas e, conseqüentemente, facilitando seu trabalho, sinalizando que a experiência de imigração, para muitos deles, proporcionou bem-estar, um sentimento de pertencimento ao lugar e a criação de uma nova identidade.

Mas a modernidade e seus avanços causaram problemas de relacionamentos e distanciamentos entre as pessoas. A aceleração do mundo contemporâneo trouxe como consequência o “corre-corre” em busca de um lugar de destaque. A mídia que informa simultaneamente assuntos de toda natureza e expressa diferentes estímulos, tornou distantes os seres humanos. Muitas são as queixas dos meus entrevistados em relação à falta de solidariedade e do individualismo dos tempos atuais, muito diferente daquela época em que se trabalhava muito, mas se convivia intensamente.

Esse espírito de coletividade foi cedendo lugar a outras práticas que, ao longo dos anos, foram se transformando. A partir da introdução gradativa da mecanização da lavoura, da energia elétrica, da água encanada e tantos outros recursos que, não só passaram a facilitar a vida cotidiana das pessoas, mas também implicaram em mudanças estruturais e na mentalidade das pessoas, transformando as concepções que antes eram fundamentais em suas vidas e, que mais tarde expressaram um significado diferente, ou seja, algo que não fazia mais sentido na vivência com outros e que transformou os

modos de se relacionar, reflexos de mudanças estruturais e muito mais complexas que ocorreram nos aspectos sócio-culturais e políticos.

Dessa forma, é possível relacionar essas transformações com as ocorridas na Colônia Riograndense, especialmente a partir da década de 1950, quando a tecnologia, mesmo que de forma ainda precária e parcial, passa a ser incorporada na comunidade.

Nessa perspectiva, a Colônia Riograndense vai se caracterizando, no período analisado, numa pós-colônia, sinalizando que essa Colônia não existe mais; passou por profundas transformações, pois não possui mais a mesma unidade. Ou seja, a língua, os costumes e as formas de relacionamento passaram por um processo de ressignificação e inserção na sociedade brasileira. Desse modo, se fez necessário desvelar os modos de viver do campo, ou seja, da Colônia Riograndense, incluindo espaços e temporalidades, de trabalho e de lazer, percebendo as singularidades culturais da vida no campo, em épocas distintas, as lutas, os conflitos e as composições existentes entre hábitos, valores, crenças, maneiras de morar, transitar e conceber o seu espaço.

A possibilidade de apreender experiências dos sujeitos através do *contar a sua história* nos desafiou a lidar com perspectivas variadas que se refazem pelo trabalho da memória. Nesse *fazer histórico* no qual as pessoas vão se constituindo a si mesmas, e dando contornos à vida na Colônia, se desvendou um cenário no qual as experiências se constituíram de tensões e conflitos, mas acima de tudo, revelam atores sociais construindo espaços de convivência, numa dinâmica que, por vezes demarca seu território, evidenciando, pois, a existência de relações de poder entre eles. Já em outros momentos, ultrapassam os limites estabelecidos, nas interrelações vivenciadas nesse processo.

Os sentimentos múltiplos que emergiram no âmago das relações que foram sendo construídas na integração entre os imigrantes alemães e seus descendentes com a sociedade brasileira, possibilitaram apreender aspectos de uma comunidade em transformação nos âmbitos, individual e coletivo, tanto no setor econômico e de trabalho, quanto ao que diz respeito às práticas culturais.

Os alemães e seus descendentes que se enraizaram na Colônia Riograndense, dando-lhe uma nova feição, assistiram a profundas transformações que foram se impondo na Colônia no decorrer dos anos. Nesse sentido, a busca por melhores condições de vida foi sendo construída em meio a tensões e conflitos. Nessa perspectiva, os diferentes modos de vida dos sujeitos que fizeram parte desse processo,

e a cultura herdada dos antepassados foram sendo constantemente reconstruídos e reelaborados.

Ao escolherem a Colônia Riograndense como nova morada, os imigrantes alemães procuraram refazer suas vidas e adequar-se a uma nova identidade que permitiu a eles preservar certos traços culturais do seu lugar de origem e adquirir outros ao se inserir na sociedade brasileira, estabelecendo desta forma, pontos de apoio, na convivência entre si e com os brasileiros. Muitas vezes, ao procurar integrar-se a esse novo universo cultural, se depararam com intensos obstáculos que procuraram enfrentar da forma menos dolorosa possível para ambas as partes. Esse processo de integração forçou-os a conviver numa dinâmica de intensas trocas culturais que carregam os traços dessas diferentes tradições.

### **Referências Bibliográficas**

BOSI, Ecléa. Memória do Trabalho. In: **Memória e Sociedade** - Lembranças dos Velhos. SP, Edusp, 1987.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. Campinas-SP: Papyrus, 1996.

CERTEAU, Michel de. **Artes de fazer**. A invenção do cotidiano. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa, Difel, 1990. p.17.

DEL PRIORE, M. Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino. In: **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1997

DONZELLI, Cleivaldo A. Penápolis/SP no contexto migratório: os seus registros e significados (1940-1970). Revista Eletrônica do CEDAP. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs. v.5, n.1, out. 2009. p.5.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

MORAES PINTO, Benedita C. de. **“Parteiras e “poções” vindas das matas e “ribanceiras” dos rios**. In: Projeto História, PUC – SP, nº 23, 2001.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. *Impasses no Novo Mundo*. Imigrantes italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú (1870-1914). São Paulo: Editora UNESP, 2008.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

SEYFERTH, Giralda. **A Colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.

TANNO, Janete Leiko. Formas de Sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista. 1930 – 1970. In: HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. (Orgs.) **Cem anos de Imigração Japonesa. História Memória e Arte**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

THOMPSON, E. P. O Termo Ausente: experiência. In: **A Miséria da Teoria**, RJ, Zahar, 1981.